

Medo de assalto e falta de ônibus esvaziam escola em Ceilândia

Ana Lúcia Moura

Da equipe do Correio

Todos os anos, a maioria das escolas do Distrito Federal enfrenta problemas de excesso de alunos. Centenas de pessoas se aglomeram nas portas dos estabelecimentos de ensino na luta por uma vaga.

No Centro Comunitário Cenequista São João Bosco, no Setor M Norte da Ceilândia, acontece exatamente o contrário. Nos últimos quatro anos tem sido cada vez mais difícil manter os alunos na escola e preencher mais de uma centena de vagas que sobram nos cursos. Devido a falta de transporte e policiamento nas proximidades, o número de alunos atualmente não ultrapassa trezentos, de um total de seiscentos no final de 1994.

Até 1993, a escola oferecia três turnos e recebia alunos de todos os lugares da Ceilândia. Com a extinção das linhas de ônibus que circulavam nas vias de acesso à escola, o número de alunos sofreu uma brusca redução. "O aluno tinha que descer em pontos distantes e muitas vezes acabava sendo assaltado durante a caminhada", afirma Antônia Maria de Moraes, diretora administrativa da escola. Com isso, o curso supletivo noturno acabou sendo extinto, restando apenas os cursos diurnos da pré-escola e ensino fundamental, de 1ª a 8ª série.

Mas a redução de alunos continuou. Para quem morava longe da escola ficava difícil encarar as caminhadas, mesmo durante o dia. As longas distâncias eram cansativas e não livravam os alunos de assaltos. "Só da parada para cá, existe mais de uma boca de fumo", afirma Maria Leite, cozinheira da escola. "De vez em quando a gente vê os caras até de revólver na mão", acrescenta. "O pior é que assaltam por pouco", diz Cristiane Oliveira Santos, coordenadora pedagógica da escola. "Muitas vezes só para levar o tênis dos meninos", conclui ela.

Atualmente os alunos que frequentam o Centro Comunitário Cenequista são os que podem pagar um ônibus escolar ou que moram próximo ao local. "Mesmo morando perto eu venho de bicicleta porque não cansa tanto", afirma Flavia Maria Guimarães, 38 anos, uma das alunas do curso de cabeleireiros que a escola oferece durante a tarde.

"Não entendo porque não existe uma linha de ônibus que passe por aqui", afirma revoltada a professora Maria Daria Cabral. Ela explica que não enfrenta dificuldades para chegar até a escola porque dispõe de carro mas, segundo ela professora, é um grande problema para os colegas, principalmente os mais novos. "A única coisa que nos prejudica é realmente a falta de ônibus", afirma Roseli Sales de Barros, 23 anos professora da escola há quatro anos. "É uma pena porque a escola é muito boa", lamenta Roseli.

"Seria uma bênção se tivéssemos uma linha aqui", afirma Onesinda Souza Aguiar, 49 anos, outra funcionária que trabalha na cozinha. Ela mora no F Norte e levanta todos os dias às 6h20 da manhã para pegar o ônibus. Do ponto em que desce enfrenta aproximadamente dez minutos de caminhada até a escola. "Se tivesse uma linha direta seria bem mais fácil", explica ela."

O resultado da falta de ônibus e de segurança é um número de alunos muito inferior ao que a escola pode abrigar. De um total de onze salas de aula, quatro estão ociosas durante a manhã e sete durante a tarde. Só de primeira a quarta série são aproximadamente cento e vinte vagas sobrando e na pré-escola trinta. A oitava série, por exemplo, este ano precisou ser extinta. "Não tínhamos alunos suficientes para abrir a turma", afirma Dirce Ferreira Jardim, diretora da escola.